

É quase Natal

J. Roberto Whitaker Penteadó

Ser é uma bênção; e viver é sagrado. - Rabino Abraham Heschel

Este jornal sai no dia 18 de dezembro. Como não podia deixar de ser, neste ano de feriados compridos, o Natal cai na outra segunda, 25. Seja como for, esta coluna será lida, prioritariamente, nas vésperas do Natal de 2006.

Tenho estado mal-humorado, como jornalista e como pessoa. Nesses últimos tempos, andei soltando meus cachorros particulares no encalço do nosso governo em geral e dos governantes em particular, das empresas, dos empresários, colegas profissionais e outras gentes a quem responsabilizei por pecadões e pecadinhos, num processo confesso que foi, muitas vezes, de catarse e transferência. Então decidi que hoje não ia escrever nada de negativo. Acho que todos temos direito a um pouco de alegria, na passagem de um ano para outro.

Creio que há duas influências que, às vezes indevidamente, azedam o nosso humor ou, ao menos, o meu. Uma é orgânica, interna: a idade. Com o passar dos anos, aumenta a sensação de que o tempo de vida que nos resta é curto, para que se resolvam todos os problemas e cheguemos à confraternização e à paz universal. Isso deixa-nos inconformados, como se de alguma maneira fôssemos os barrados no baile a que só as novas gerações estão convidados. Que seja. Como aconteceu no passado, o futuro reserva-lhes muitos bons momentos de conquistas, realizações e felicidade individual e coletiva. Se eu não vou participar deles, é problema meu. Bom proveito, moçada!

A segunda influência é externa: a mídia. Dela recebemos o falso input do que acontece no mundo. Por razões já aqui analisadas, várias vezes, o retrato que a mídia nos apresenta, da realidade externa, é estatisticamente furado. Se a realidade fosse uma curva de Gauss aquela, chamada "normal" o que a mídia nos apresenta é a concentração negativa, à esquerda, de tudo de ruim e nefasto que se considera "notícia". À direita, há coisas maravilhosas que não são registradas e no meio a grande maioria dos 6 bilhões de cidadãos do planeta que não matam, não roubam, nem seqüestram, nem estupram. Mas sim, cuidam dos seus negócios e de suas famílias, passeiam, namoram, nadam nas águas, caminham nos gramados e contemplam as flores e o céu azul ou estrelado.

Não me chame de Poliana. Olhe para dentro da sua vida e verifique se não é verdade que na média a vida lhe tem trazido muita compensação por estar vivo. E, após reflexão, admita que às suas ações puras e aos seus gestos nobres corresponderam coisas e instantes de alegria, descontração e admita de novo da mais gostosa e desavergonhada felicidade!

No plano material, não são assim tão maus o seu emprego, o seu carro, a sua casa, a praia, o chope, o cafezinho, as comidas e bebidas, a pizza, acompanhada de um bom vinho tinto, ou o linguado desossado pelo garçom, com a taça de Chardonnay. No resto: o amigo, a amiga, o amante, a filha, o netinho, seu gato ou seu cão, um momento de oração e a comunhão possível com o paraíso que se encontra dentro de nós e ao nosso alcance.

Feliz Natal.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=150&ID=373>>. Acesso em: 4 ago. 2009.